

FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR O RETORNO DO PACIENTE À MANUTENÇÃO DE IMPLANTES DENTÁRIOS

Flávia Daniella Marques Paseto (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Andressa Alves da Silva (PIBIC/CNPq/FA/UEM), Flávia Matarazzo Martins (Co-orientador), Mauricio Guimarães Araújo (Orientador), e-mail: odomar@hotmail.com.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Biológicas e da Saúde/Maringá, PR.

Odontologia – Periodontia

Palavras-chave: Implante, Terapia de suporte, Adesão

Resumo:

A manutenção regular após tratamento com implantes dentários é necessária para estabilidade e saúde dos tecidos peri-implantares. Para isso, o paciente deve aderir à Terapia Peri-Implantar de Suporte (TPiS), entretanto, as taxas de adesão são pequenas. O objetivo deste estudo foi identificar e analisar os fatores que podem influenciar no retorno dos pacientes à consulta de acompanhamento como um indicativo de interesse de participação em um programa de TPiS. Como metodologia desse estudo observacional, foram selecionados pacientes com um ou mais implantes, atendidos na clínica odontológica da Universidade Estadual de Maringá (COD/UEM) entre 2010 e 2021. Estes foram contactados, a respeito do interesse em retornar para uma consulta. Após, foram submetidos ao questionário eletrônico padronizado, que compreendeu características demográficas, médicas e odontológicas. Fatores relacionados ao paciente que podem afetar o retorno também foram levantados. Os indivíduos foram categorizados em dois grupos, os que aceitaram retornar e os que não aceitaram. Foi realizada a análise descritiva e aplicado o teste do Qui-Quadrado para associação das variáveis. O nível de significância estatístico foi de 5%. Como resultados, 85/176 pacientes foram contactados, com taxa de retorno do formulário de 48,2%. A maior parte eram mulheres (61,8%), entre 46-70 anos (80%). Não houve diferença estatística em relação às variáveis sociodemográficas, sistêmicas e odontológicas. Sobre o atendimento, a recepção da equipe (66,7%) e a gratuidade (60,6%) foram os mais assinalados. Assim, conclui-se preliminarmente que a recepção da equipe e a gratuidade motivam os pacientes retornarem à consulta odontológica.

Introdução

A terapia com implantes dentais tem se tornado uma opção de tratamento cada vez mais utilizada para casos de dentes perdidos. Apesar da evolução dos materiais e técnicas utilizados, os pacientes reabilitados com implantes ainda estão sujeitos a complicações, tanto mecânicas quanto biológicas. Entre as complicações biológicas temos a mucosite peri-implantar e a peri-implantite. A peri-implantite é

definida como uma “condição patológica que ocorre nos tecidos ao redor dos implantes, caracterizada por inflamação e perda progressiva no osso de suporte” (SCHWARZ et al., 2018). A prevalência da peri-implantite relatada na literatura varia de 1% a 47% dos implantes (DERKS; TOMASI, 2015) e 28 a 56% dos indivíduos tratados com implantes dentários (LINDHE; MEYLE, 2008; MATARAZZO et al., 2018).

A estabilidade e saúde em longo prazo dos tecidos peri-implantares é dependente da participação voluntária do paciente em programas de manutenção regular, também conhecido como Terapia Peri-implantar de Suporte (TPiS). Indivíduos que não participam regularmente da TPiS após a instalação de seus implantes estão sujeitos a um maior risco de desenvolver doenças peri-implantares (BERGLUNDH et al., 2017). Assim, a adesão do paciente à TPiS é necessária para o sucesso do tratamento em longo prazo. Estudos que buscam investigar os motivos que levam o paciente a aderir ou não à TPiS, tais como características demográficas, histórico periodontal, condição financeira, tempo do implante em função e história médica, são escassos na literatura. Aspectos relacionados ao atendimento, tais como o acolhimento e a comunicação com o paciente, também devem ser considerados na adesão do paciente à TPiS.

O objetivo deste estudo foi identificar e analisar os fatores que podem influenciar no retorno dos pacientes à consulta de acompanhamento de implantes dentários como um indicativo de interesse de participação em um programa de TPiS.

Materiais e Métodos

Como metodologia desse estudo observacional, foram incluídos pacientes com um ou mais implantes dentários atendidos na Clínica Odontológica da Universidade Estadual de Maringá (COD/UEM) entre os anos de 2010 e 2021 para avaliação dos seus implantes. Os prontuários de todos os pacientes foram analisados para a construção de um banco de dados no programa Excel. Foram efetuadas tentativas de contato telefônico com os possíveis participantes da pesquisa, de modo a convidar, explicar e solucionar quaisquer dúvidas. A partir desse contato, os pacientes foram categorizados em dois grupos, aqueles que tinham interesse e aqueles que não tinham interesse em retornar para a consulta odontológica.

Todos os indivíduos efetivamente contactados receberam um questionário eletrônico padronizado em seus celulares, pelo aplicativo WhatsApp, com questões que solicitavam informações sociodemográficas, médicas e odontológicas, assim como fatores relacionados ao atendimento. O formulário era composto primeiramente pelo Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), seguido pelo questionário. Foi realizada a análise descritiva e aplicado o teste do Qui-Quadrado para associação das variáveis. O nível de significância estatístico foi de 5%.

Esse estudo foi conduzido após ter sido aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Estadual de Maringá, Brasil (CAAE 44587921.2.000.0104). Além disso, foi realizado em conformidade com os critérios estabelecidos pela Declaração de Helsinque e pelas declarações do STROBE para o relato de estudos observacionais.

Resultados e Discussão

Entre os meses de agosto a dezembro de 2021, foram realizadas várias tentativas de contato com 176 indivíduos (64% dos registros). Destes, 85 foram efetivamente contactados. Entre os 85 indivíduos contactados, 55 deles demonstraram interesse em retornar para consulta, enquanto 30 não demonstraram interesse. Dos 55 participantes que demonstraram interesse em retornar para a consulta, 34 (61,8%) retornaram o formulário preenchido, enquanto apenas 7/30 (39,7%) dos indivíduos que não demonstraram interesse em participar fizeram o mesmo.

Quanto ao nível de escolaridade, 23 indivíduos disseram ter concluído o ensino superior completo (56,1%), sendo 18 (78,26%) participantes com interesse e 5 (21,73%) sem interesse em retornar à consulta. Em relação ao rendimento salarial mensal, a maior parte da população relatou renda de 4-10 salários mínimos (88,88%). A maioria dos indivíduos era residente em Maringá (82,9%). Foi observado que um tempo de deslocamento de até 30 minutos não parece ser uma barreira para o retorno. Nenhuma dessas características sociodemográficas investigadas parece influenciar no retorno do participante à consulta odontológica.

Sobre as condições de saúde sistêmicas, a maioria (24/41) dos participantes relatou não fazer qualquer tipo de tratamento médico. Entre os que relataram ter alteração sistêmica, a condição mais relatada foi hipertensão (12), seguida por hipotireoidismo (7), diabetes (5) e osteoporose (2). Questionados sobre a existência de queixa a respeito dos seus implantes, os pacientes do grupo que não retornou, relataram não possuir qualquer tipo de queixa. No grupo que aceitou retornar, 74,1% (20) afirmaram não possuir queixa. No total, 10 pacientes informaram possuir algum tipo de queixa, todos do grupo que retornou, sendo a queixa estética mais prevalente (4). Apenas 9 (22,5%) dos indivíduos relataram experiência prévia de periodontite. A frequência de consultas mais relatada foi de uma vez ao ano, sendo 24 (82,75%) do grupo que aceitam e 5 (17,24%) do grupo que não retornou. Além disso, 5 dos 41 pacientes, informaram somente ir quando julgam necessário ou para resolução de problemas, sendo 80% deles pertencentes ao grupo que retornou. Para o número de implantes de cada paciente, 81,8% (18) dos pacientes que retornaram tinham de 2 a 4 implantes. O tempo categorizado entre 11 e 20 anos, foi o mais observado nos pacientes que retornaram, correspondendo a 90,1% (20). Quanto ao tempo em função, o maior tempo em que um implante foi instalado foi de 21 anos.

A recepção da equipe de pesquisa e a gratuidade foram fatores de maior influência dentre os pacientes que retornaram. Os achados são indicativos que problemas de interesse em participar em um programa de TPiS realmente existem e precisam ser mais bem explorados.

Conclusões

Podemos concluir preliminarmente que a recepção da equipe e a gratuidade motivam os participantes a retornar à consulta odontológica.

Agradecimentos

Agradeço ao CNPq, à Clínica Odontológica da Universidade Estadual de Maringá (COD/UEM), ao Professor Dr. Mauricio Guimarães Araújo e à Professora Dra. Flávia Matarazzo Martins por todo apoio.

Referências

BERGLUNDH, T.; ARMITAGE, G. et al. Peri-implant diseases and conditions: Consensus report of workgroup 4 of the 2017 World Workshop on the Classification of Periodontal and Peri-Implant Diseases and Conditions. **Journal of Periodontology**, v. 89, n.1, p. 313-318, 2018.

DERKS, J.; TOMASI, C. Peri-implant health and disease. A systematic review of current epidemiology. **Journal Clinical Periodontology**, v. 42, n.16, p. 158-171, 2014.

LINDHE, J.; MEYLE, J. Peri-implant diseases: Consensus Report of the Sixth European Workshop on Periodontology. **J Clin Periodontol**, v. 35, n.8, p. 282-285, 2008.

MATARAZZO F. M. et al. Prevalence, extent and severity of peri-implant diseases. A cross-sectional study based on a university setting in Brazil. **J Periodontal Res**, v.53, n.5, p.910-915, 2018.

SCHWARZ, F.; DERKS, J.; MONJE, A.; WANG, H. Peri-implantitis. **Journal Clinical Periodontology**, v. 45, n.20, p. 246-266, 2018.